

O que dizem do maestro

Depositário dos valores da moçambicanidade

- Edson Macuácuá, secretário para Mobilização e Propaganda do Partido Frelimo

"O povo moçambicano deve uma homenagem merecida ao maestro Chemane. Ele, através da sua criatividade e arte de cantar, criou o Hino Nacional que constitui um depositário dos valores da moçambicanidade.

A sua obra constitui um espelho da nossa identidade e da nação que estamos a construir e a consolidar.

O maestro conseguiu com mestria exaltar no Hino os valores de coragem e de heroísmo que caracterizaram o povo moçambicano na gloriosa luta de libertação nacional e que servem de fonte de inspiração dos moçambicanos e dos desafios da actualidade.

Portanto, foi um hino que teve um papel muito importante na forja da Unidade Nacional, por isso é que o maestro Chemane é um exemplo a seguir, uma personalidade de referência

e de orgulho nacional

E como arquitecto da nossa moçambicanidade, todos devemos homenageá-lo e a melhor forma disso é a valorização e exaltação da moçambicanidade, desenvolvermos a auto-estima e defendermos as conquistas alcançadas com a independência nacional, continuarmos a trabalhar para a materialização dos nossos ideais vinculados no primeiro Hino Nacional."



Maestro de cortejos de casamentos

- "Vovó" Amélia Moyana, decana da música coral



"Conheci o maestro na década 50. Eu ainda era moça, integrava o grupo da Juventude Feminina Presbiteriana do Chamanculo. Ele é quem compunha os corais que cantávamos nos cortejos dos casamentos. Trata-se de cortejos que se cantam bastante, desde manhã até ao encerrar da cerimónia.

Como membro da Juventude Feminina, cortejei muitos casamentos e hoje, com 72 anos, ainda me recordo de parte desse repertório que ele compunha para nós.

Isso acontecia também para as festas de aniversários. Nessa altura, as cerimónias não usavam os chamados "DJ's".

Gostaria que na homenagem que se prepara pelos seus 80 anos fossem também convidados aqueles que hoje são avós e que passaram pelas suas mãos. Seria uma oportunidade em que essas pessoas deviam cantar aquilo que ele ensinou ao longo dos anos."

Justino Chemane indocumentado?

Renato Matusse*

Ainda não entendi muito bem porque, entre nós em Moçambique apenas falamos dos homens e mulheres dedicados de corpo e alma a causas exemplares apenas em dias especiais. A única culpada deste mal que consegui identificar foi a tradição oral, essa técnica de transmissão de ouvido para a boca, essa justificação de que "cada velho que morre é uma biblioteca que arde", essa verdade hoje desmentida por infortúnios de vária ordem e descrição que determinam que, menos raras vezes, seja o pai a enterrar o filho, o avô o neto.

Não parece haver espaços ou encorajamentos suficientes para jovens documentarem a vida e obra deste ou daquele, de pesquisar e divulgar este ou aquele evento, processo ou sítio. É preciso um projecto - a *budgetite* e a *dolarite*, já se juntaram às doenças declaradas incuráveis pelo MISAU.

Esta situação é trágica para uma Nação ainda na fase da consolidação da sua identidade, dos seus símbolos e referências. Temos que avançar muito mais decididamente: temos jovens capazes nas instituições de ensino, nos centros de pesquisa e de documentação - e proponho que o aluno da segunda classe tenha como um dos seus "trabalhos de classe" a descrição da sua genealogia, até pelo menos o bisavô.

Seria um ponto de partida para aguçar curiosidades futuras, para enriquecer as nossas referências e a nossa memória e para construirmos fontes mais indeleveis a partir das quais



Que se crie um teatro Chemane

- Malangatana, artista plástico

"O maestro Chemane subiu ao pódio da música, num esforço muito próprio. É verdade que as igrejas ajudaram-no bastante, fazendo com que ele tivesse um campo de acção mais amplo. Criou e foi buscar canções populares trazendo partituras com cunho muito pessoal sobre aquilo que possa ter aprendido.

Para mim, a maior mágoa em relação ao velho Chemane é: porque é que nós somos tão impotentes e não criamos um teatro Chemane? O que é que impede isso?

É que o velho Chemane fez um projecto tentando criar um espaço onde pudesse fazer perpetuar a sua música. Ele ensinou muita gente ao longo dos anos. Mas se não haver o cuidado da nossa parte e de quem de direito, em criar condições para que se perpetue esta sua valiosa obra, então tudo poderá morrer.

Maestro paciente e metuculozo

- Gonzana, músico da velha guarda

"Integrei por pouco tempo o grupo de Chemane na Missão Suíça, ali no Chamanculo. Recordo-me do meu primeiro dia de ensaio, quando ele me viu porque sou muçulmano e estranhou ao ver-me no interior de uma igreja...



Éramos um grupo enorme, ensaiávamos entre 18-19 horas.

Eu admirava a sua paciência e metuculosidade. Infelizmente, devido a outras obrigações com a banda "João Domingos" de que eu era membro, vi-me na contingência de não poder continuar. Foi uma pena.

Na minha passagem por aquele coral aprendi muito com ele e penso que evolui bastante ao nível da canção.

Nele admiro bastante a sua modéstia e simplicidade. Chemane só lhe interessa trabalhar, trabalhar e trabalhar, o resto não conta..."



Felizmente o maestro Chemane vai deixar-nos muita coisa importante e não nos esqueçamos de uma coisa: o país tem uma dívida muito grande com ele: não só por aquilo que ele criou ao longo dos mais de cinquenta anos de actividade, mas também da criação do primeiro Hino Nacional, que deixou de ser cantado não por falta de qualidade, mas pelo contexto político e social que atravessamos.

Justino Chemane é uma figura a respeitar com muita profundidade."

O que dizem do maestro

Moçambicano 100% que merece louvores

- Mário Coluna, presidente da Federação Moçambicana de Futebol

"Esta figura foi meu colega na primeira Assembleia Popular, no tempo de Samora Machel, hoje Assembleia da República.

Foi um homem que admirei bastante e continuo a admirá-lo hoje.

Para mim, ele é um moçambicano 100 por cento. É homem que merece louvores e penso que o Governo poderia tomar iniciativa para homenageá-lo.

Faço votos de longa vida ao maestro."



Vida e obra de Chemane merecem estudos e teses

- Arão Litsuri, Reverendo da Igreja Congregacional e músico

"Justino Chemane é um dos grandes maestros que temos em Moçambique, não só pelo facto de trabalhar há muitos anos, mas também porque influenciou muitas gerações de música coral moçambicana. Quando, por exemplo, ouvimos a música que ele compõe, sentimos que há muito de clássico, que foi transferido e adoptado para um estilo próprio. Eu sendo da Igreja Congregacional, lembro-me que o maestro que tínhamos - Isaac Tsamuele, já falecido - foi uma espécie de aluno dele. E, sendo assim, acabamos tendo influências também do Chemane.

Portanto, há aqui várias gerações influenciadas por ele.

Posso dizer até que ele me influenciou a mim também, porque me lembro que quando eu era miúdo, por aí aos 7 anos, o tipo de músicas que cantávamos na juventude, sentíamos que tinha a sua influência.

Fiz parte com ele na Companhia Nacional de Canto e Dança (CNC), no então Grupo Nacional de Canto e Dança. Ele era o maestro da Companhia e fizemos várias viagens. E as músicas dele foram muitas vezes elogiadas no estrangeiro. Com tudo isso, diria que estamos aqui perante um colosso da música moçambicana.

Para perpetuar a sua obra deveríamos fazer como nos

outros países, infelizmente aqui há pouca entrega dos estudiosos para escrever biografias. Devia-se escrever sobre ele, portanto, eu penso que Chemane merece um estudo, uma tese nas universidades.

Por outro lado, podia-se organizar convívios em que se interpretassem as músicas compostas por este autor. Mas para isso devia-se fazer pesquisas em arquivos por forma a ter dados correctos. Da mesma forma que se fez com o Fany Pfumo.

A outra maneira de perpetuar a obra de Chemane é possibilitar que haja novos "chemanes", ou seja, novos maestros. Não há muitas escolas, mas por exemplo, a escola de "Rikattha", onde ele também formou pessoas podia ser uma alternativa. O mesmo acontecendo, por exemplo, com a Escola Nacional de Música ou de Dança entre outras."



gerações vindouras se possam inspirar para mais feitos grandiosos e engrandecedores da nossa *Pátria Amada*.

Neste dia que Justino Sigaúle Chemane completa 80 anos bem gostaria de lhe ler uma passagem do seu livro, de partilhar com ele fotografias suas, nesse livro, e puxar por um comentário seu sobre novos feitos a constar numa edição revista dessa obra. Porém, para minha frustração, uma figura que deu o melhor de si para contribuir para a educação cívica, cultural e religiosa dos moçambicanos não tem nada em biblioteca alguma. O Homem que deu ao país o primeiro Hino Nacional não tem este feito contado através da técnica inventada por Johannes Gutenberg, a escrita. O Homem que representou Moçambique nos debates sobre o futuro Hino da SADC, o hino dessa Nação maior em construção, não obra escrita que possa mostrar ao seu Chidenguele, o local, em Gaza, que lhe viu nascer em 1923.

Creio que numa altura em que celebramos o aniversário deste grande Maestro, de que o país inteiro se orgulha, deveríamos reflectir sobre a problemática da produção documental, sobre a importância e papel do arquivo, sobre a disseminação dos feitos dos moçambicanos. De contrário as televisões preencherão esse vazio, como alertam os Conselheiros da Agenda 2025.

*Patrono da COOPAL, Artes e Letras, Jornalistas Associados